

**AS NARRATIVAS ORAIS AMAZÔNICAS NO ENSINO E APRENDIZAGEM
DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA (ELE): CONSIDERAÇÕES
SOBRE O MITO CURUPIRA NO CONTEXTO EDUCATIVO DO INTERIOR
(RURAL)**

**AMAZONIAN ORAL NARRATIVES IN THE TEACHING AND LEARNING OF
SPANISH AS A FOREIGN LANGUAGE (SFL): CONSIDERATIONS ON THE
CURUPIRA MYTH IN THE INTERIOR (RURAL) EDUCATIONAL CONTEXT**

Gracineia dos Santos Araújo

UFPA

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas considerações sobre o uso das narrativas orais amazônicas no contexto educativo do interior (rural), a partir do mito Curupira no ensino de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE). Consideramos que este gênio tutelar da floresta (CASCUDO, 2008), protetor das matas (MAGALHÃES, 1975), assume um relevante papel no dia a dia dos povos que habitam o interior rural, fundindo-se e confundindo-se com a realidade. A imagem do guardião das florestas é múltipla, porque o Curupira ganha novas cores, formas e atributos, tornando evidente que ele é um ser sobrenatural que emana força e vigor na sua missão de defender as nossas matas. Para melhor compreender espírito cuja missão é proteger a floresta, como aporte teórico nos guiamos em autores como Cascudo (2008), Magán (2010), Cosson (2021; 2014), Colombres (2010; 2016; 2017), entre outros. Apresentaremos algumas pautas para o uso dessa literatura na sala de aula, como uma maneira de oferecer ao aprendiz da língua estrangeira em questão a possibilidade de ampliar e aprofundar os conhecimentos linguísticos e culturais, a partir da sua própria realidade, mas com uma dimensão universal.

Palavras-chave: Narrativas orais; O mito Curupira; Ensino e aprendizagem de ELE.

Abstract: This paper aims to present some considerations on the use of Amazonian oral narratives in the rural educational context, based on the myth of Curupira in the teaching of Spanish as a Foreign Language (SFL). We consider that this "genius guardian of the forest" (CASCUDO, 2008), protector of the forests (MAGALHÃES, 1975), assumes a relevant role in the daily life of the people who live in the rural hinterland, merging and blending with reality. The image of the guardian of the forests is multiple, as the Curupira acquires new colours, shapes and attributes, making it clear that it is a supernatural being that emanates strength and vigour in its mission to defend our forests. To better understand the spirit whose mission is to protect the forest, as a theoretical basis we are guided by authors such as Cascudo (2008), Magán (2010), Cosson (2021; 2014), Colombres (2010; 2016; 2017), among others. We will present some guidelines for the use of this literature in the classroom, as a way of offering the learner of the foreign language in question the possibility of broadening and deepening linguistic and cultural knowledge, from their own reality, but with a universal dimension.

Key-words: Oral narratives; The myth of Curupira; Teaching and learning of Spanish as a foreign language.

Recebido em 03 de março de 2023.

Aprovado em 20 de dezembro de 2023.

Introdução

O interior rural amazônico, sem dúvidas, é um verdadeiro manancial das lendas e mitos. Estas narrativas fazem parte do cotidiano dos povos da floresta como as águas torrenciais das abundantes chuvas que costumam cair no inverno e no verão. Neste universo, seres sobrenaturais de diferentes tamanhos, cores e formas; invisíveis para alguns, reais para outros, resplandecem como a luz do sol. E o fazem a través de seus rastros, sons e até mesmo de sua voz ou do seu cheiro. Trata-se de um contexto onde entidades populares como Curupira ou Matinta Perera, entre outros, passeiam dias e noites no seio da floresta.

Toda essa riqueza ancestral, cujo valor é incalculável, é transmitida de boca em boca ainda em nossos dias, porque nas zonas mais rurais do interior são muito frequentes as reuniões familiares onde crianças e adultos se juntam pra contar “causos”. Daí que podemos dizer que no mundo rural do interior amazônico não há ninguém que nunca tenha ouvido uma “história de pescador”. No entanto, Curupira ou Matinta, por mencionar dois exemplos concretos, não fazem parte, apenas, da realidade dos pescadores, porque eles se fundem e confundem com a realidade em geral, fazendo com que não titubeemos na hora de dizer que todo amazônico conhece algum relato protagonizado por um ou ambos os seres em questão. E é que estes mitos assumem um papel sumamente no cotidiano dos povos da floresta, principalmente no que concerne à proteção da floresta e, por conseguinte, o uso racional dos recursos meio ambientais. Nesse sentido, destaca o antropólogo argentino Adolfo Colombres que “estos seres imaginarios se revelan a la postre más eficaces que nuestras leyes relacionadas con el medio ambiente, que son más burladas que cumplidas” (COLOMBRES, 2016, p. 14).

Como bem destaca Magalhães (1975, p. 139):

a função do Curupira é proteger as florestas. Todo aquele que derriba, ou por qualquer modo estraga inutilmente as arvores é punido por ele com a pena de errar tempos imensos pelos bosques, sem poder atinar com o caminho da casa, ou meio algum de chegar entre os seus.¹

¹Texto original de 1874: A função do Curupira é proteger as florestas. Todo aquele que derriba, ou por qualquer modo estraga inutilmente as arvores é punido por ele com a pena de errar tempos imensos pelos bosques, sem poder atinar com o caminho da casa, ou meio algum de chegar entre os seus.

Com base nessa perspectiva, sublinhamos a importância do uso dessa literatura oral no contexto educativo, de maneira especial no âmbito ensino e aprendizagem de Espanhol como Língua Estrangeira – ELE, posto que consideramos que a aprendizagem de uma língua estrangeira deve ir além da gramática e dos livros de texto. E a tradição oral, sem dúvidas, devido ao seu caráter universal, porque as lendas são universais (Araújo, 2022), são um importante ingrediente para o desenvolvimento do aprendiz de ELE e tudo o que isso implica, de modo especial em um contexto como o nosso, o universo amazônico, onde conhecemos e desfrutamos de uma imensidão de seres fantásticos. Tudo isso, ademais, desde a perspectiva interdisciplinar e do letramento literário (COSSON, 2021), crítico e reflexivo (CASSANY, 2003).

A fim de alcançar os objetivos propostos, partimos da hipótese de que trazer um personagem do teor de Curupira para o contexto do ensino e aprendizagem de ELE, especialmente no interior, principalmente nas zonas mais rurais, contribuirá, ademais, para dar um maior protagonismo a este guardião das matas, somando-nos, de certo modo, aos debates e a luta em defesa da nossa floresta. Não podemos esquecer, por exemplo, o quão é importante é Curupira como sendo o pai ou a mãe da mata, o gênio tutelar da floresta (CASCUDO, 2008). Destacamos, a modo de ilustração, no nosso calendário o dia 17 de julho é uma data que não pode ser esquecida, posto que nela é comemorada no nosso país o Dia do Protetor da Floresta. Assim, vale a pena ressaltar que não podemos tratar com indiferença o nosso deus vivo dos bosques tropicais. Nesta perspectiva, sublinhamos, ademais, que levar/trazer Curupira para a nossa sala de aula no contexto rural, nos mais diferentes níveis e âmbitos, é necessário e urgente; e tampouco deve ser feito de maneira ilustrativa, superficial, já que, um dia após o outro, vemos a intensificação do desmatamento da Amazônia, uma realidade sangrenta que, lamentavelmente, continua ocupando as primeiras páginas dos principais jornais do país e do estrangeiro, e dos *mass media* em geral.

Trabalhar com as narrativas orais sobre Curupira é, por outro lado, uma forma de aproximar o alunado ao maravilhoso mundo das lendas e dos mitos indígenas, partindo da sua realidade local com uma dimensão universal. Assim, acreditamos estar aportando o nosso grãozinho de areia para que as nossas lendas e mitos ocupem o lugar que merecem no contexto do ensino de ELE. Junto a isso, almejamos estar, de igual maneira, contribuindo para a sobrevivência das nossas lendas e mitos, e principalmente unindo-nos às lutas em defesa da grande floresta e tudo o que isso implica: povos, línguas e

culturas tão diversos quanto o verde das nossas matas, legado dos nossos ancestrais, sem os quais caminharíamos mais perdidos pela vida.

Para finalizar, trazemos algumas sugestões, pautas para trabalhar com as narrativas sobre Curupira na sala de aula, baseadas na proposta de Pascuala Morote Magán (2010).

1 Algumas considerações sobre Curupira

Em seu livro *Quem tem medo de Curupira?* o popular cantor e compositor brasileiro Zeca Baleiro nos apresenta Curupira como um dos mais grandiosos seres sobrenaturais que povoam o imaginário do nosso país. Este autor nos deixa evidente, por outro lado, a importância de manter vivo o referido mito, porque eles também podem desaparecer. Na referida obra de teatro, e pela voz de Boitatá (personagem), afirma e questiona Baleiro: “se morrermos de vez na imaginação das pessoas, como é que vai ser?” (BALEIRO, 2016, p. 13).

Em relação a este guardião da floresta, protetor das nossas matas (MAGALHÃES, 1975), muitos rios de tinta já correram sobre ele e muitos outros seguirão transbordando, não há lugar para dúvidas. Definições sobre Curupira não faltam e isso ocorre desde a chegada dos primeiros colonizadores europeus ao chamado “Novo Mundo”. Para o europeu, um “demônio” (ANCHIETA, 1560), e para os povos da floresta trata-se do pai ou mãe da mata. É na Carta de São Vicente, do dia 30 de maio 1560, que famoso padre jesuíta José de Anchieta registra a sua cosmovisão dogmática sobre o mito Curupira, chamando-o “demônio dos Brasis, como podemos observar no fragmento a seguir: “É coisa sabida e pela boca de todos corre que há certos demônios, a quem os Brasis chamam de curupira, que acometem aos índios muitas vezes no mato, dão-lhes açoites, machucam-nos e matam-nos” (ANCHIETA, 1560). Como podemos observar nesta “certidão de nascimento”, e segundo destaca Cascudo (2008), um dos expoentes folcloristas brasileiros, Curupira foi o primeiro duende que a mão branca deu a conhecer.

Mas, quem é Curupira? Investigadores e estudiosos *a posteriori* definem a este gênio tutelar da floresta de diferentes maneiras: é o Curupira ou a Curupira; menino, para alguns, jovem ou adulto para outro. No entanto, sempre com os pés virados para trás. Para os povos da floresta, neste caso os habitantes do mundo rural do interior, Curupira é um ser plural, ou seja, multifacético. No imaginário coletivo da região amazônica, Curupira é um menino ou jovem de pouca estatura; a sua cor é descrita como sendo negra, reluzente

como o açai, mas com tonalidades que variam entre marrom e dourado ou marrom avermelhado, mas também aparece como uma figura verde e seus diferentes tons. No entanto, indiferente à cor representada, este quase sempre reluz como a beleza do urucum. Curupira, de acordo com Cascudo (2008, p. 122): “corpo de menino, de *curu*, abreviação de *curumi*, e pira, corpo.

Seja como for a sua imagem, Curupira possui atributos humanos e “ai de quem mata por gosto, fazendo estragos inúteis, de quem persegue e mata as fêmeas, especialmente quando prenhes, quem estraga os pequenos ainda novos! Para todos estes Curupira é um inimigo terrível” (CASCUDO, 2008, p.122). Em suma, que como bom guardião da floresta, pai ou mãe da mata, a missão de Curupira é proteger a floresta, o que implica, de certo modo, defender a nossa sobrevivência, e a própria vida no planeta, a partir do consumo racional dos recursos da natureza.

Em resumo, destacamos a nossa experiência pessoal como docente de espanhol na Amazônia brasileira, enriquecida pelo fervor investigativo e a paixão pelos estudos das narrativas orais (indígenas) que nos movem e nos comovem. Tudo isso unido às enigmáticas e fascinantes “histórias de pescador”, relatos com os quais nos familiarizamos cada vez mais, os quais são obtidos a través de nas nossas práticas pedagógicas como docente de ELE do Magistério Superior na Universidade Federal do Pará, por meio de pesquisas de campo realizadas de maneira espontânea e amistosa (MAGÁN, 2010), embora seguindo pautas definidas e propostas como atividades de sala de aula. Os resultados, até então, têm demonstrado que para os habitantes do interior amazônico Curupira é um ser vivo, presente no cotidiano dos povos da floresta; ele é um deus tão sentido e vivido quão respeitado e temido por cada um dos habitantes do interior. No que concerne à existência do mito não cabe dúvidas, porque Curupira é uma *vera narratio* para quem o vive; Curupira tem cor e tem cheiro, Curupira produz e emite sons variados, que vão desde a imitação da voz humana ou de animais ou insetos, como deixa desprender do seu interior; Curupira emite gargalhadas estrondosas; Curupira propaga do seu ventre o ensurdecido barulho das suas tripas, chocando-se entre si, em plena harmonia; Curupira, como qualquer pai ou qualquer mãe, premeia e não apenas castiga, porque prêmio obtém quem o merece e os seus castigos são sempre justificados. Por fortuna, e como bem destaca Araújo (2022):

Pese a la invasiva “civilización” y “progreso” que, vestida de tecnología, se instala sin pedir apenas permiso, el más antiguo de los

mitos brasileños puebla el imaginario colectivo de la región y de la población del país, en general. A veces bueno, a veces malo, el caso es que a Curupira nadie lo puede ignorar, de una manera u otra (ARAÚJO, 2022, p.17).

Conforme já destacado ao longo deste trabalho, o mito Curupira se funde e se confunde com a realidade. Assim, se necessário for, e isso ocorre com uma certa frequência, antes de entrar nos seus domínios mata adentro, para caçar ou pescar, etc., Curupira precisa ser obsequiado, porque os deuses também recebem oferendas. Somente deste modo a atividade pode ser exitosa. Em caso contrário, e como não poderia ocorrer de outra maneira, os “aventureiros”, caçadores, pescadores, extrativistas em geral, antes de adentrar-se à mata tratam de agradá-lo, obsequiando cachaça e o tabaco, que são as provisões mais apreciadas pelo guardião da floresta, como manda a tradição do lugar. Convém destacar que Curupira também recebe frutos da natureza, como os resultantes das caçadas ou pescaria, entre outros, para o seu contentamento. Conforme destaca Barbosa Rodrigues (1890), muitas vezes Curupira dá prêmio a quem o merece, ou de quem ele se compadece.

Para concluir, corroboramos com Araújo (2022, p. 23): “lejos de la concepción dogmática o bajo la tutela del colonizador, las narraciones nos demuestran que Curupira es verdaderamente un ser mágico, un dios de vida.”

2 Por que trabalhar as narrativas orais sobre Curupira no ensino de ELE no contexto do interior (rural) amazônico?

Levando com consideração o caráter universal das lendas (ARAÚJO, 2022), e sabendo que essa literatura de tradição oral faz parte da nossa vida desde a infância e no seio familiar sem que ao menos sejamos conscientes dessa realidade, sublinhamos a importância das narrativas orais no contexto educativo. Neste caso, no nosso caso, no contexto educativo do interior (rural) amazônico, no âmbito do ensino e aprendizagem de ELE e nos mais variados níveis, conforme já mencionado ao longo deste trabalho, por ser conscientes de que é precisamente nos meios mais rurais do interior da floresta onde encontramos os terrenos mais férteis para o nascimento e multiplicação das narrativas orais sobre Curupira.

Para Magán (2010),

Con la introducción de la narración oral, el profesor recupera casi en su totalidad una riqueza lingüística y literaria que escuchamos en la

infancia y que, incluso de manera inconsciente, nos acompaña a lo largo de nuestra vida, activa y constituye nuestra competencia literaria y en nuestros recuerdos nos hace sonreír, evocando instantes que nunca volverán a estar con nosotros (MAGÁN, 2010, p. 112).

Com base no exposto, e pressupondo que de um rincão a outro que o território amazônico é um dos terrenos mais férteis de toda a América do Sul para o nascimento de lendas e mitos; que nele sobressaem as narrativas orais sobre seres tão grandiosos como Curupira e é o lugar em que exercemos a nossa prática docente na atualidade, somos conscientes de que não podemos prescindir da “mãe da literatura” (ARAÚJO, 2022), que é a literatura de tradição oral na nossa sala de aula.

Ainda segundo Magán (2010): “Cuando los niños (de zero a cem anos – o grifo é nosso) llegan a la escuela es imprescindible partir de sus conocimientos previos literarios, el bagaje de literatura oral aprendida en el seno familiar; es la primera literatura oída.” (MAGÁN, 2010, p.47). Então, é o contexto atual onde exercemos a nossa prática docente um lugar ideal para levar a cabo o propósito de trabalhar as narrativas orais sobre Curupira no âmbito educativo, de modo especial no contexto de ELE, nos mais diversos níveis.

Cabe destacar que através das narrativas orais amazônicas, neste caso sobre Curupira, o trabalho com a tradição popular pode favorecer a aprendizagem de ELE, contribuindo para o aperfeiçoamento/desenvolvimento de destrezas básicas como ler, escrever, ouvir, falar, compreender, argumentar, interagir na língua estrangeira estudada. Uma vez trabalhadas com objetivos claros, bem planejados e executados da melhor maneira possível, é possível que os aprendizes adquiram um maior gosto pela língua estrangeira estudada; é possível, ademais, (re)conhecer(se) e (re)conhecer a sua cultura e tradições, valorizando-as, estimando-a, sentindo-se orgulhoso das suas lendas e mitos. Este legado ancestral, transmitido de boca em boca e de geração a geração, tem o que nos ensinar sobre o passado, o presente e o futuro (e das gerações vindouras), porque a literatura de tradição oral, reflete

los problemas del hombre de todos los tiempos, sus creencias, sus modos de vida, sus ritos, sus pensamientos, sus sueños, su miedo o su aceptación de la muerte, su relación con el más allá... De ahí su carácter intertextual y su universalidad, que nos hace pensar que el hombre piensa, siente y reacciona de la misma forma en cualquier espacio geográfico (MAGÁN, 2010, p.179).

Ao mesmo tempo, sem lugar a dúvida, as narrativas orais podem contribuir para o desenvolvimento da consciência crítica e reflexiva do nosso alunado, elemento

importante e necessárias para sobreviver com dignidade em um mundo cada vez mais urbano e urbanizado. Este mundo, “civilizado”, rodeado de “progresso”, por sua vez – é importante reconhecer-, muitas vezes “devora” nossas lendas e mitos ou os “esconde” dentro de telas luminosas. São objetos de diferentes tamanhos e formatos (celulares, televisores, tablets, notebook...), “vestidos” de cores e capazes de armazenar, modificar, produzir e divulgar outras tantas “realidades”, reais ou imaginárias, cujo alcance é tão estonteante que parece infinito, dos quais nem sempre nos deixam desfrutar das nossas realidades, porque acabam se convertendo em barreiras que nos separam, inclusive dos nossos seres queridos, distanciando-nos (crianças, jovens e até mesmo adultos) do nosso entorno pessoal, familiar ou comunitário; apartando-nos das tradicionais rodas de conversa da “boca da noite”, onde e durante as quais os nossos anciãos nunca se cansam de contar relatos protagonizados por seres fantásticos como Curupira. E não basta ser pescador para conhecer e contar “histórias de pescador”, porque no interior amazônico “todos” acabam(os) sendo “pescadores” de histórias fantásticas protagonizadas por seres tão grandiosos como Curupira, tão assustadores quanto Matinta Perera, por colocar dois exemplos mais concretos. Estes e outros “donos da mata”, são objeto, também, de admiração e interesse. Daí que assegurar-lhes um lugar na nossa prática docente é, ao mesmo tempo, permitir que o nosso alunado continue nadando pelas caudalosas águas da tradição oral amazônica sendo conscientes de que a floresta tem as suas próprias leis e que estas podem ser mais eficientes do que as nossas próprias leis, que, muitas vezes são mais burladas que cumpridas, como bem recorda Colombres (2016). Assim, trabalhando com as narrativas orais sobre Curupira estamos contribuindo, ademais, para que o aprendiz de ELE seja um estudante crítico e reflexivo, capaz de (re)conhecer e valorizar a sua realidade e o mundo que o cerca, como sujeito agente de transformação social, com motivação e entusiasmo para contribuir com o seu grãozinho de areia na e para a construção de um mundo melhor, mais justo e mais respeitoso com o meio ambiente, com atenção especial para a nossa floresta, a grande floresta. E é que a motivação, de acordo com Baralo (2004, p. 31)

determina que se produzca realmente una apropiación del conocimiento o que ese conocimiento no se arraigue. Si el interés y la necesidad por adquirir una lengua nueva son fuertes, el proceso de adquisición de la LE seguirá pasos certeros y avanzará gradualmente. Si por el contrario, no existe una motivación verdadera, lo que se aprende se quedará en la memoria a corto plazo y desaparecerá fácilmente.

Nessa linha de raciocínio é que elaboramos e apresentamos algumas pautas para trabalhar com as narrativas orais sobre Curupira no contexto do interior amazónico, mas também fora dele, por tudo o que significa a tradição oral no âmbito educativo, neste caso no ensino de ELE.

3 Proposta de atividades com as narrativas orais sobre Curupira, voltada para expressão escrita

Aqui procedemos à apresentação de algumas pautas pensadas e elaboradas para trabalhar a expressão escrita a partir das narrativas orais sobre Curupira nos mais diversos níveis de aprendizagem do ELE, desde os mais básicos até os mais avançados, e nos mais diferentes âmbitos: escolar, universitário, entre outros.

Destacamos que “escribir constituye una potente herramienta de mediación en la apropiación de cualquier contenido y habilidad, mucho más allá de una destreza comunicativa que es objeto de aprendizaje (CASSANY, 2005, p. 07). Assim, baseando-nos nas aporções de Magán (2010, pp. 115-116), indicamos que a proposta ora apresentada pode ser trabalhada para atender as necessidades do alunado, neste caso a produção escrita em ELE, em grupo ou individualmente, ficando sob a responsabilidade do professor adaptá-las de acordo com o que julgar oportuno. Vale a pena ressaltar que para que a referida atividade seja exitosa não podemos esquecer que o aprendizado de uma língua estrangeira deve transcender à gramática e os livros de textos, e que a literatura de tradição oral, neste caso as lendas e os mitos, são um instrumento didático cujo poder de transformação é evidente. Como é sabido, trata-se de uma literatura que pode e deve ser trabalhada de maneira que se alcancem diferentes habilidades, porque ela é capaz de despertar-nos todos os tipos de sentimentos.

Em relação às lendas, Magán (2010) afirma que

es necesario destacar su gran valor en la educación literaria y lingüística de los estudiantes de todos los niveles educativos y, en especial, de los de Magisterio de cualquier especialidad, ya que serán los encargados de transmitir a sus alumnos se bien pequeños el gozo por la literatura de tradición oral, del que la narrativa es una parte sobresaliente (MAGÁN, 2010, p.67).

Para a proposta em questão, sublinhamos que esta está voltada para a expressão escrita, uma vez que “la expresión escrita es la destreza supuestamente más compleja, la que porcentualmente aprenden menos personas en el mundo, la que se utiliza menos a lo

largo del día y de la vida y la que, en apariencia, tiene menos presencia en la enseñanza de español” (CASSANY, 2005, p. 7). Assim, depois de refletir sobre a presença das narrativas orais sobre curupira na sala de aula, no âmbito do ensino e aprendizagem de ELE, pretendemos mostrar, de maneira prática, algumas tarefas de produção escrita e, principalmente, recomendar que o professorado reflita sobre este campo de conhecimento e o adote como instrumento importante e necessário para a construção do conhecimento a partir da sua prática como docente de espanhol. Antes, porém, o convidamos a refletir sobre:

1) se, de fato, trabalha a expressão escrita na sala de aula:

- a) se o faz sempre;
- b) se o faz para apoiar a prática da oralidade;
- c) se o faz para preencher o tempo;
- d) se é um exercício de copiar textos obtidos de diferentes veículos de comunicação;
- e) se o faz livremente;
- f) se o faz como escrita criativa ou acadêmica.

2) se trabalha ou já trabalhou as narrativas orais sobre Curupira ou outro ser sobrenatural para o desenvolvimento da expressão escrita ou outra habilidade:

- a) para motivar e fomentar a expressão escrita ou outra;
- b) para que aprendam a escrever em espanhol;
- c) para que pratiquem a gramática.

Para que a atividade dê certo e obtenha resultados positivos, ressaltamos que o docente deve considerar o perfil do grupo ou do aluno, neste caso se for uma atividade individual, a partir das suas necessidades e sem desconsiderar os seus anseios. Tudo isso de acordo com o nível de conhecimento da língua estrangeira estudada e os objetivos propostos.

Para trabalhar a produção escrita em nível iniciante: o docente deve selecionar e apresentar aos alunos os relatos orais sobre Curupira, previamente e em espanhol, publicados em livros, revistas ou quaisquer outros suportes, físico ou digital:

- Fazer a leitura individual ou coletiva do texto selecionado;
- Resumir o relato, prestando atenção aos elementos básicos da narrativa: lugar, tempo e espaço onde ocorrem os fatos;
- Modificar o espaço ou o tempo onde acontece a narrativa;
- Introduzir novos personagens ou dar maior protagonismo a algum em especial;
- Comparar com um relato familiar, indicando os elementos que se repetem ou divergem;
- Etc.

Para trabalhar a produção escrita em nível básico: o professor deve selecionar e apresentar aos alunos os relatos orais sobre Curupira, preferentemente em espanhol, publicados em livros, revistas ou quaisquer outros suportes, físico ou digital. Antes, porém, deve solicitar aos alunos, de maneira individual ou em grupos pequenos, que relatem livremente e por escrito algum acontecimento protagonizado por Curupira. Uma vez elaborado o texto, deve-se proceder à leitura do texto em espanhol apresentado pelo professor e fazer o estudo comparativo de ambos, o texto que produziu livremente, a partir de seu conhecimento empírico, e o que foi proposto pelo professor:

- Indicar os elementos convergentes ou divergentes;
- Descrever o ambiente e os personagens que protagonizam o relato lido ou escutado;
- Recriar o relato, acrescentando ou subtraindo elementos que julguem necessário, de maneira que o texto seja enriquecido;
- Comparar o seu relato com outros relatos, indicando os elementos que se repetem ou divergem;
- Analisar os fatos, emitindo a sua opinião sobre o comportamento do mito, os possíveis atributos humanos, etc.;
- Argumentar sobre a atitude da vítima de Curupira, em caso de haver sido “mundiada” pelo mesmo ou ser premiada por este ser sobrenatural;
- Etc.

Para trabalhar a produção escrita em nível avançado: o docente deve destacar a importância do mito Curupira no que concerne à defesa da floresta e sobre o uso racional dos recursos naturais, destacando o papel que assume o mito no cotidiano dos povos da floresta. Para isso, convém sublinhar a cosmovisão do colonizador europeu desde a sua chegada ao “Novo Mundo” até nossos dias, fazendo um estudo historiográfico do mito.

- Fazer um levantamento geral para saber o nível de conhecimento do alunado sobre o mito Curupira (esta atividade inicial deve ser feita de maneira oral e em espanhol);
- Apresentar os primeiros escritos sobre o mito Curupira, a Carta de São Vicente, escrita por José de Anchieta no ano de 1560;
- Contrastar a cosmovisão do colonizador europeu com o seu conhecimento empírico, expondo o seu ponto de vista em um breve resumo;
- Redigir em espanhol um relato sobre Curupira, obtido a partir do trabalho de campo realizado de maneira espontânea e amistosa, com um familiar ou membro de sua comunidade (o professor indicará previamente cada passo da atividade);
- Dissertar sobre a cosmovisão dos povos da floresta a respeito do mito Curupira, tendo em conta o papel que o guardião da mata assume no seu cotidiano;

- Elaborar uma resenha crítica ou um artigo sobre o mito Curupira, desde a chegada do colonizador europeu até os nossos dias.
- Apresentar o produto final em eventos acadêmicos, nacionais ou internacionais.

Considerações finais

A modo de conclusão, destacamos que as narrativas orais da Amazônia, de modo especial os relatos protagonizados por Curupira que conformam o eixo central deste trabalho, podem e devem ser trabalhadas satisfatoriamente no âmbito do ensino e aprendizagem de ELE, tanto no contexto amazônico como também fora dele. Trata-se de uma literatura cujo caráter universal e possui um grande potencial didático. Daí a importância de trabalhá-la na sala de aula.

As narrativas sobre Curupira, “dios supremo en lo que se refiere a la protección y defensa de nuestra selva” (ARAÚJO, 2022, p. 10), nos revelam uma autêntica radiografia das entranhas da Amazônia, consistindo em um verdadeiro retrato não apenas da sua fauna e flora, mas das suas realidades em geral e tudo o que isso implica. Por tanto, somos conscientes de que cada uma das histórias protagonizadas por Curupira, ademais, nos permite (re)conhecer o nosso passado ancestral, bem como o nosso presente e, de certo modo, forjar o nosso futuro. Resulta que a Amazônia é muito mais do que uma enorme mancha verde que cobre grande parte do território sul-americano; a Amazônia, em toda a sua complexidade, é um universo enigmático e fascinante, que guarda segredos tão especiais que somente as narrativas orais são capazes de nos revelar.

Com efeito, e conforme já mencionamos em parágrafos anteriores, as narrativas orais que povoam o imaginário coletivo do interior rural amazônico em geral são resultantes da experiência vida de diferentes povos e culturas que nela se “escondem”, muitas vezes lutando para sobreviver e superar não apenas desastres naturais. Neste rincão do universo a literatura popular (sobre)vive, a duras penas, porque os *povos da floresta*, em quase sua totalidade, continuam padecendo as consequências das ações nocivas do *napë* (branco) que, vorazmente sedento e faminto de “civilização” e “progresso”, fincou as suas botas no que chamou “Novo Mundo” desde os já remotos 1492. Movida pela ganância de poder que acabou eternizando a chamada “febre do ouro”. As empresas colonizadoras portuguesa (1500) e espanhola (1492) resultaram ser verdadeiros “comedores da terra”².

²Termo utilizado pelo xamã yanomami David Kopenawa, em seu livro “A queda do céu” (2022), para referir-se aos garimpeiros. Aqui, fazemos nossas as suas palavras, utilizando-as para referir-nos, também, à empresa

Por tanto, eis aqui mais um dos vários motivos para se trabalhar as narrativas orais sobre Curupira na nossa prática pedagógica, neste caso, no nosso caso, no âmbito do ensino de ELE. Trata-se de uma forma de ampliar e aprofundar os conhecimentos não apenas sobre a língua estrangeira estudada, de adquirir e/ou ampliar conhecimentos linguísticos e culturais da mesma, mas fazê-lo a partir da nossa própria realidade, sensibilizando-nos e valorizando-a, porque a cultura popular. Lamentavelmente, a referida cultura popular não ocupa o lugar que merece no “altar sagrado” da produção do conhecimento, que são as universidades, os institutos, as academias, como bem destaca o antropólogo argentino Adolfo Colombres no seu livro *Sobre la cultura y el arte popular* (2010).

Por certo, ao ser trabalhada com objetivos claros, a literatura de tradição popular, neste caso os relatos orais sobre Curupira, permite que o alunado tenha a seu alcance um ingrediente mais para que possa ampliar e aperfeiçoar destrezas básicas na língua estrangeira. Entre elas, ler, escrever, falar, interagir, entre outras igualmente necessárias para o seu desenvolvimento como pessoa humana: o respeito, a responsabilidade, a solidariedade, a empatia, etc. Estas e outras questões das quais não podemos prescindir nas nossas práticas pedagógicas. Portanto, trabalhar com mitos como Curupira não deixa de ser uma tarefa árdua, mas prazerosa e significativa, uma vez que este ser sobrenatural faz parte das realidades amazônicas tal como a própria floresta.

Para finalizar, desejamos que a nossa reflexão alcance a maior dimensão possível, tanto no nosso país como fora dele, de maneira que outros docentes e estudantes de ELE, e público em geral, possam somar-se à luta em defesa das nossas lendas e mitos, que consistem alguns dos maiores legados dos ancestrais; uma patrimônio cultural imaterial que herdamos, cujo valor é incalculável, e que precisa ser (re)conhecido, difundido e preservado.

Referências

ANCHIETA, José. Carta de São Vicente, 1560. **Conselho Nacional de Reserva da Biosfera da Mata Atlântica**. Série 06. Documentos Históricos. Caderno 07. São Paulo, 1997.

colonizadora que se instaurou no “Novo Mundo” nos anos 1492-1500, a qual foi e continua sendo o principal motor da devoração das terras indígenas e tudo o que isso implica. Como em nenhuma outra literatura do nosso país, Kopenawa chama a atenção do Brasil e do mundo inteiro para os problemas provocados pelo *napë* (branco), este que se embrenha nas nossas florestas e faz sangrar os nossos céus, nossos rios, nossos ares e as nossas terras.

ARAÚJO, Gracineia. La lengua del colonizador europeo y los mitos indígenas: análisis de la leyenda del Curupira a partir de la cosmovisión amazónica paraense. **Revista Tabuleiro de Letras**, p. 8-24, 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/14805/10749>> Acesso em 25 de fevereiro. 2023.

BALEIRO, Zeca. **Quem tem medo de Curupira?** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

BARBOSA RODRIGUES, J. Lendas, crenças e superstições. **Revista Brasileira**, tom X, pp. 24-47, 1881.

BARBOSA RODRIGUES, J. **Poranduba amazonense, ou kochiyama-uara porandub**, 1872-1887. Anais biblioteca Nacional. Volume XV. fasc. 2 pgs. 1-334. Disponible en: <http://biblio.etnolinguistica.org/rodrigues_1890_poranduba> Acesso em: 10 de novembro. 2022.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. São Paulo: Global, 2010.

CASSANY, Daniel. Aproximaciones a la lectura crítica: teoría, ejemplos y reflexiones. In: Tarbiya, 32. **Revista de investigación e innovación educativa del Instituto Universitario de Ciencias de la Educación**, Universidad Autónoma de Madrid, 2003.

COLOMBRES, Adolfo. **Seres mitológicos Argentinos**- 1º ed. 2º reimp. -Ciudad Autónoma de Buenos Aires : Colihue, 2016.

COLOMBRES, Adolfo. **Sobre la cultura y el arte popular**. Edición ampliada. Serie Antropológica. 2º ed. 1º reimp Buenos Aires: Del Sol, 2010.

COSSON, Rildo. **Letramento literário. Teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2021.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário. Teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de, 1837-1898. **O Selvagem** (por) General Couto de Magalhães; edição comemorativa do centenário da 1ª edição; contém o prefácio da segunda edição revista pelo sobrinho do autor, Dr. Couto de Magalhães; prefácio da presente edição: Vivaldi Moreira. Belo horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.

MAGÁN, Pascuala Morote. **Aproximación a la literatura oral**. La leyenda entre el mito, el cuento, la fantasía y las creencias. Valencia: Perifèric edicions, 2010.

MAGÁN, Pascuala Morote. La importancia de la literatura de tradición oral. **Revista Educación y Pedagogía**, vol. XX, núm. 50, Enero - Abril de 2008.